

# O VAQUEANO

NARRATIVA

Apolinário Porto-Alegre

O Vaqueano

Apolinário Porto-Alegre, 1872

Edição e notas: Paulo Ricardo Ost Frank

ISBN: 9798326963918

Selo editorial: Paulo Frank

Capa: *El Baqueano*, de Juan Manuel Blanes

## APOLINÁRIO PORTO-ALEGRE

Apolinário José Gomes Porto-Alegre (Rio Grande, 29 de agosto de 1844 — Porto Alegre, 23 de março de 1904) foi um escritor, historiógrafo, poeta e jornalista brasileiro. É considerado um dos autores mais importantes do Rio Grande do Sul.

Apolinário Porto-Alegre era filho de Antônio José Gomes Porto-Alegre, inspetor da alfândega de Rio Grande, e de Joaquina Delfina da Costa Campelo Porto-Alegre. O interesse pela literatura também se manifestou em seus dois irmãos: Apeles e Aquiles Porto-Alegre.

Fez seus estudos primários em escola particular de Rio Grande, até seus 15 anos de idade aos cuidados de seu primo Fernando Ferreira Gomes (1830-1896, filho do jornalista pioneiro Vicente Ferreira Gomes), que dirigia seu próprio estabelecimento de ensino naquela cidade desde 1853.

Por volta do ano de 1859, sua família muda-se para a cidade de Porto Alegre, onde tem contato com estudos na área de humanidades. Apolinário, dois anos depois, em 1861, inicia um curso na Faculdade de Direito de São Paulo, não concluindo o mesmo, devido ao falecimento de seu pai, em setembro de 1863. Retornando ao seu estado-natal, para sustentar sua família, começa a trabalhar como professor, primeiramente particular.

Foi depois contratado na escola particular do médico Cyro José Pedrosa, um nome tradicional no ensino público da província. Logo passaria a dirigir suas próprias escolas: em 1867 fundava seu primeiro estabelecimento de ensino: o Colégio Porto Alegre, com a assistência do irmão Aquiles.

Em 1870, agora com o irmão Apeles como auxiliar, criava o Colégio Rio-Grandense. Deixou o irmão na direção em 1876 para inaugurar, com o colega Hilário Ribeiro, o Instituto Brasileiro, seu mais ambicioso e duradouro projeto. Esta escola, localizada na estrada do Caminho do Meio, nos arredores de Porto Alegre, funcionando como internato, deveria oferecer, para além de uma educação formal, uma

formação integral que habilitasse a nova geração a construir um novo país republicano. Apolinário, com seu caráter republicano, numa época que não havia um partido republicano no estado, comemorava na escola datas como a Revolução Francesa e a Revolução Farroupilha. A escola funcionou por 16 anos até encerrar suas atividades em 1892.

Juntamente com um grupo de republicanos e liberais funda, no dia 18 de junho do ano de 1868, na cidade de Porto Alegre, a Sociedade Partenon Literário, de caráter romântico e regionalista. Tal sociedade deu nome ao atual bairro Partenon de Porto Alegre.

A Sociedade começou a publicar, em 1869, um periódico intitulado "Revista Mensal". Foi neste periódico que Apolinário Porto-Alegre começou a publicar seus primeiros trabalhos, como romances, contos, críticas, poesias, peças de teatro, etc. A Sociedade durou até o ano de 1880.

Apolinário Porto-Alegre era entusiasta da república. Fundou o Club Republicano, convidando amigos, conhecidos e pessoas em geral, que dividissem os mesmos ideais. No entanto, desentendimentos internos fizeram com que ele abandonasse o clube, fundando logo depois a União Nacional, com o apoio do Partido Liberal. Tempos depois, a União Nacional mudou o seu nome para Partido Federalista.

No ano de 1889, após a proclamação da república no Brasil, Apolinário Porto-Alegre se alia à Silveira Martins que lutava contra o governo do marechal Deodoro da Fonseca.

Abalado com a morte de uma filha, América, de 12 anos de idade, em 1891, e de sua mulher Elisa Gama quatro meses depois, com quem era casado desde 1874 e teve 8 filhos, o escritor muda-se para Casa Branca, edificação que funcionou como quartel-general e hospital dos farrapos durante o cerco que mantiveram à capital.

Após o contragolpe vitorioso de Júlio de Castilhos em junho de 1892, foi preso em 4 de julho junto com outros opositores e libertado alguns dias depois. No jornal A Reforma iniciou virulenta campanha contra o governo.

No entanto, teve que se refugiar em Santa Catarina e em Montevideú, devido as perseguições impostas pelo governo durante a Revolução Federalista de 1893. Retornou

ao Rio Grande do Sul com a pacificação de 1895, onde continuou a trabalhar como jornalista.

Enfrentando problemas financeiros extremos, faleceu no ano de 1904, na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, vítima de tuberculose.



## O VAQUEANO

O “*O Vaqueano*” foi publicado em 1872, portanto, dois anos depois que José de Alencar lançara *O Gaúcho*.

Apolinário Porto-Alegre, inspirado no modelo de *O Gaúcho*, publicou *O Vaqueano*; mas acrescentou-lhe a observação direta do meio, que faltava por completo ao escritor cearense. Ele é, portanto, o legítimo fundador do regionalismo literário sul-rio-grandense, enquanto movimento, que nesse momento deixa de ser mero sentimento coletivo e se traduz como um programa de ação. Alencar publicou o romance regionalista sobre a província do Rio Grande do Sul sem nunca aqui ter estado e sem aderir ao “republicanismo” inerente ao movimento.

Vaqueano é aquele que, conhecendo bem os caminhos e atalhos de uma região, serve de guia a quem precisa percorrê-los. Neste caso, o vaqueano é José de Avençal, que se debate entre a necessidade de uma vingança e a dúvida em executá-la, posto que o provável assassino de sua família é o pai de Rosita, a mulher que ama.



## Sumário

1.	Paisagem morta.....	11
2.	A marcha.....	15
3.	Avençal.....	21
4.	A canguçu.....	25
5.	Os Guaicanãs.....	29
6.	Moisés.....	33
7.	Os quero-queros.....	37
8.	Conhecidos.....	41
9.	O carcará e a juriti.....	45
10.	Regata noturna.....	49
11.	Pechada morruda.....	53
12.	A estância de Gil.....	57
13.	A lenda.....	61
14.	Amaral.....	69
15.	À sombra do umbu.....	73
16.	Volta aos pagos.....	77
17.	A gavota fatal.....	81
18.	A marca dos Capinchos.....	87
19.	A cajarana funerária.....	93
20.	Vaqueania.....	99
21.	Rosita.....	107
22.	O corredor do pangaré.....	115
23.	A cabeça de um anjo.....	121
24.	Pavilhão tricolor.....	131



## 1. PAISAGEM MORTA

O inverno desatava as madeixas emperladas de gelo, tão triste que magoava o coração e despertava ideias sombrias, como céus e terras.

Não sei que íntima e mística afinidade existe entre a natureza e a alma humana, que a morte-cor de uma se reflete na outra como em bacias de límpidas águas, que o murmúrio surdo e merencório desta, como num tímpano, encontra ecos naquela.

O inverno é um cemitério! Sazão de morte que não poupa a terna vergôntea, nem as da asa do colibri! Por isso o calafrio que se sente quando ele se aproxima, o terror que vaga na floresta e na campina, a palidez do manto de verduras, a ausência dos cantores plumosos... e depois o minuano! Como é cruel, ele que fustiga a árvore secular, que aspergia doce sombra no ardor da sesta, até lhe arrancar uma por uma as folhas de seu diadema! Que cresta a várzea há pouco vicejante alfombra! que torna a linfa de onda argentina e anódina, fria como uma geleira, silenciosa como um ermo, ingrata ao lábio na excitação da sede!

Quem pode amar-te quadra sem sombras, brisas, cantos e flores? Período que espasma a vida e congela a flor das alegrias?

Só quem não sente, alma embotada para as sensações brandas e suaves, que rodeiam a existência de uma gaza transparente e rósea que se chama poesia!

Era no dia 14 de julho.

O sol cambava. O raio do crepúsculo, círio que vela um ataúde, lambia a face da Terra. Expressão de agonia, lampejo precursor da morte, ia deitar-se o pai da natureza.

Quem então o visse diria que buscava o leito de descanso, numa sepultura imensa como ele próprio, às profundezas do infinito. O cenário sobre que pairamos não recendia menos tristeza.

Eram os campos de Vacaria.

Ao Norte o rio Pelotas arquejava, descontando, febrilmente um réquiem, ao sul o Taquari o acompanhava em

## Apolinário Porto-Alegre

notas não menos lúgubres; de um lado o lombro<sup>1</sup> verde-negro da serra Geral, interceptando o horizonte; do outro o Mato Português<sup>2</sup>, cuja respiração simulava o paroxismo cruel de leviatãs que estrebucham. O teto - o céu, cujas fimbrias eram as brumas alvacentas de leve coloridas.

Ajuntai o efeito dos troncos quase desnudos de roupas em pé no lusco-fusco da tarde, fantasmas dos séculos estendendo longos e musculosos braços para todas as direções, sacudindo, ao sopro do pálido arrebol, as barbas grisalhas e venerandas, ajuntai mais o mio, ora profundo e cavernoso da onça, ora estrídulo e agudo da jaguatirica, o solfejo áspero e atroador do itanha<sup>3</sup>, o piar agoureiro das corujas, o bramido do minuano que fazia ranger os estípites e galhada da selva, que revolvía os capinzais como oceanos, e tereis o quadro senão completo, em miniatura ao menos.

Ali só uma realeza que contemplava outra realeza.

Ali só o urutau sentia efusões, porque ainda tênue dilúculo de luz lhe banhava a retina, embora mortíça e gélida. Feliz vivente que passa os dias de modo tão estranho! Rompe o dia e ei-lo a saudar a aurora, ei-lo seguindo com a pupila ardente o astro-rei no seu itinerário pelos dédalos da imensidade.

Não sei por que, mas amo-te, ave das solidões do meu berço, anacoreta das florestas natalícias... Talvez traduzas um emblema sublime! ... A noite desceu. O firmamento era um pavilhão de azul semelhante ao das voragens marítimas, os troncos que cercavam os campos da Vacaria eram suas colunas. As estrelas que o esmaltavam encobriam-se por vezes, como em brancas mortalhas, nos capulhos de

---

<sup>1</sup> Aqui no sentido de sujo.

<sup>2</sup> Mato Português: nome antigo da floresta existente ao oeste dos Campos de Cima da Serra.

<sup>3</sup> Itanha: espécie de sapo grande, com duas saliências na cabeça, à maneira de chifres.

## O Vaqueano

nuvens que deliravam nos páramos<sup>4</sup> infindos.

Caía neve em flocos. O frio, intenso. O mistério daquela natureza recolhida e inânime, profundo e terrível. Não tinha só a melancolia do deserto, o vago e indefinido, que coam na alma as savanas e matas americanas, tinha mais o tom baço, a desoladora taciturnidade, a paralisia, a inércia, a aparência de cadáver, que ressaltam da quadra hiberna. Só quem viajou por noites assim através do ermo selvagem pode compreender a expressão aziaga que lhe é própria, os sentimentos inefáveis que ele desperta, expressão e sentimentos que jamais a linguagem conseguiria reproduzir, são tão indescritíveis! Então cada folha, cada filamento de relva, cada seixo parece ter um segredo medonho a contar um cochicho de torva ameaça! Tudo se anima, tudo fala.

O rochedo agita-se, caminha, rodeia-nos e solta uma gargalhada de infrene sarcasmo. A árvore tem o gesto iracundo. O vendaval ruge uma blasfêmia em cada lufada. E o viajante acha-se cercado de calibans<sup>5</sup> e pavorosas lâmias<sup>6</sup>. A noite, o inverno e a solidão o amesquinham à face do mundo e à face de Deus. Ao resfriamento do corpo aduna-se o resfriamento da moral.

O homem é um autômato. Nem o próprio indígena que ali nasceu, vive e há de morrer não se isenta do terror supersticioso; ele mesmo crê em maus gênios que povoam o sertão. Ele mesmo é um átomo que transcende no pensamento, porém fraco e pueril ante as maravilhas de Deus nos seios da criação virgem e grandiosa.

---

<sup>4</sup> Páramo: planície solitária; deserto; o firmamento, a abóbada celeste; o cume, o ponto culminante.

<sup>5</sup> Caliban: escravo forte e grotesco, personagem da peça “*A Tempestade*” de Shakespeare.

<sup>6</sup> Lâmia: na mitologia grega, era uma rainha da Líbia que se tornou um demônio devorador de crianças. Chamavam-se também de lâmias um tipo de monstros, bruxas ou espíritos femininos, que atacavam jovens ou viajantes e lhes sugavam o sangue.